

JOURNAL OF
DEMOCRACY
EM PORTUGUÊS

Volume 12, Número 1, Junho de 2023

Artigos Inéditos

O STF e a defesa da democracia no Brasil

Oscar Vilhena Vieira

**A cooperação Sul-Sul e o setor privado: um balanço
das relações do Brasil com Angola e Moçambique
no século XXI**

André Guzzi e Laurindo Tchinhama

Traduções

**Por que as democracias da América Latina
estão estagnadas**

Scott Mainwaring e Aníbal Pérez-Liñán

**Exércitos e autocratas: por que as Forças Armadas
de Putin fracassaram**

Zoltan Barany

A sombra da direita sueca

Bo Rothstein

**Por que a direita europeia abraça os
direitos dos homossexuais**

Gabriela Magni e André Reynolds

**PLATAFORMA
DEMOCRÁTICA**

FUNDAÇÃO FHC
CENTRO EDELSTEIN

PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



JOURNAL OF
DEMOCRACY
EM PORTUGUÊS

CONSELHO EDITORIAL	Bernardo Sorj Sergio Fausto
TRADUÇÃO	Fabio Storino
REVISÃO TÉCNICA	Otávio Dias Beatriz Kipnis
DIAGRAMAÇÃO	Felipe Martins Wonderweb

Journal of Democracy em Português, Volume 12,
Número 1, São Paulo, Junho de 2023
Plataforma Democrática
ISSN 2527-1369

Índice de catálogo sistemático:

Democracia, Política e Governo, Sociedade, Partidos Políticos, Políticas Públicas.

© Copyright - Todos os direitos reservados à:

Fundação Fernando Henrique Cardoso
Rua Formosa, 367, 6º andar, Centro, São Paulo/SP, CEP: 01049-000
www.fundacaofhc.org.br • e-mail: imprensa@fundacaofhc.org.br

**PLATAFORMA
DEMOCRÁTICA**
FUNDAÇÃO FHC
CENTRO EDELSTEIN
PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



São Paulo (Sede)
Rua Formosa, 367, 6º andar - Centro
São Paulo - SP - Brasil - CEP 01049-000
tel: +55 (11) 3359-5000
contato@plataformademocratica.org

PERIODICIDADE: Semestral

Apresentação

O Supremo Tribunal Federal e a defesa da democracia no Brasil. Os motivos da estagnação das democracias latino-americanas. Por que as Forças Militares da Rússia estão enfrentando tantas dificuldades em solo ucraniano? Um balanço da política externa brasileira para a África durante os primeiros governos Lula e as perspectivas com a volta dele ao poder. Estes são os principais temas desta edição do Journal, que traz dois artigos inéditos, escritos por autores brasileiros, e quatro traduções.

No artigo que abre a edição, o professor de Direito Constitucional e Direitos Humanos Oscar Vilhena Vieira (FGV) analisa o comportamento das instituições de defesa da democracia brasileira, em especial a postura do Supremo Tribunal Federal, a partir da ascensão ao poder, em 2018, de um presidente da República ostensivamente hostil à democracia constitucional estabelecida em 1988. Segundo o autor, no extenso arco de proteção da democracia brasileira estabelecido pela Constituição Federal de 1988, o Supremo Tribunal Federal desempenhou um papel central. A postura expressamente “combativa” assumida pelo STF, diante dos crescentes ataques ao Estado Democrático de Direito, reacendeu o debate sobre o controvertido conceito de “democracia militante”, o que parece inescapável em tempos de ameaça de erosão da democracia.

“Reivindico que, nos dias de hoje, o conceito de democracia militante designa, sobretudo, uma postura a ser assumida por aquelas instituições e autoridades que têm a responsabilidade por promover a defesa da democracia. Essa postura reclama uma atitude alerta, vigilante e, se necessário, combativa na defesa da democracia, por meio das ferramentas institucionais e legais de autodefesa democrática, operadas dentro do marco dos direitos fundamentais”, escreve.

Vieira alerta, no entanto, que as “ferramentas da democracia defensiva”, assim como a “postura militante” daqueles que ocupam as instituições democráticas, “jamais poderão substituir o sistema político propriamente dito, na função de coordenar conflitos políticos e promover soluções para o atendimento das expectativas de bem-estar dos cidadãos dentro de uma sociedade plenamente democrática”.

No segundo texto inédito, os professores de Relações Internacionais André Guzzi (EAESP FGV) e Laurindo Tchinama (Universidade Federal de Uberlândia) fazem um balanço da política externa brasileira para a África e a Cooperação Sul-Sul, que teve seu auge na primeira década do século 21, e avalia as perspectivas de uma retomada dessa política como uma prioridade da diplomacia brasileira.

“Com o retorno do presidente Lula ao poder, é crucial olhar para esse processo e assimilar algumas lições aprendidas”, escrevem os autores. Para promover uma política externa atualizada para a África, faz-se necessário compreender as reais necessidades dos países do continente e reconhecer que hoje outras potências, como a China, ganharam espaço no continente africano e resistirão a uma eventual tentativa do governo e do setor privado brasileiros de serem mais atuantes na região.

Os autores alertam ser “fundamental promover um sistema de *accountability*” para evitar que a “falta de transparência” nos projetos público-privados ocorrida no passado recente “volte a contaminar a Cooperação Sul-Sul”, que nos últimos anos “passou a ser alvo da polarização política e ideológica que caracterizam o cenário político brasileiro”.

No terceiro artigo, os cientistas políticos Scott Mainwaring e Aníbal Pérez-Liñan, professores da Universidade de Notre Dame (EUA), afirmam que a maioria dos países da América Latina vive uma fase de estagnação democrática, com déficits democráticos importantes e persistentes que os impedem de se tornar democracias mais solidamente liberais.

Após expor os três principais fatores que contribuem para esse padrão generalizado na região, eles concluem: “A estagnação democrática facilita a ascensão de presidentes iliberais que protestam contra o sistema. Às vezes eles conseguem dismantlar a democracia e outras vezes, fracassam. Quando fracassam, o regime político volta ao estado familiar de semidemocracia, ou talvez uma democracia de desempenho médio. Construir democracias que funcionem melhor e mostrem mais respeito pelos direitos dos cidadãos é um dos grandes desafios que a América Latina enfrenta”.

Por que as Forças Armadas da Rússia – que segundo a sabedoria convencional teriam se transformado em uma máquina militar eficaz após mais de duas décadas de governo forte de Vladimir Putin – enfrentam tantas dificuldades na Guerra da Ucrânia? Esta é a pergunta que o professor de Governo da Universidade do Texas em Austin Zoltan Barany busca responder no quarto texto deste *Journal*.

“Os militares russos são um reflexo por excelência do Estado que os criou: autocrático, obcecado pela segurança e repleto de tomadas de decisão profundamente centralizadas, relações disfuncionais entre autoridades civis e militares, ineficiência, corrupção e brutalidade”, escreve o autor, que relaciona cinco pontos-chave para entender o fracasso da invasão russa iniciada em fevereiro de 2022, sem perspectiva de fim.

A democracia da Suécia, uma das mais estáveis da Europa, está ameaçada diante da impressionante ascensão do Democratas Suecos (SD), um partido populista e nacionalista de direita que, em 2022, conquistou a segunda maior votação nas eleições para o Riksdag (parlamento)? Este é o tema do quinto artigo, escrito por Bo Rothstein, professor emérito de ciência política da Universidade de Gotemburgo. Antes tratado como um “partido *non grata*” pelas elites políticas tradicionais, o Democratas Suecos rompeu esse bloqueio, passou a integrar a coalizão de centro-direita que governa o país e, embora não ocupe nenhum ministério, tem hoje capacidade de influenciar políticas públicas nas áreas de imigração, direitos humanos e segurança pública.

“As políticas nacionalistas e anti-imigração do SD e seu acentuado iliberalismo fizeram com que alguns analistas temessem pelo futuro da democracia sueca. Até o momento, não há sinais de que esse processo esteja em curso, mas o fato é que o Democratas Suecos faz parte do governo, e o acordo pluripartidário (fechado pela coalizão governista) contém muitas propostas para diminuir os direitos sociais e políticos dos imigrantes. É preciso observar todo esse processo com atenção”, escreve o autor.

O que motivou alguns importantes partidos de direita europeus a abrir mão de uma oposição histórica aos direitos LGBTQ+ e, nas últimas duas décadas, abraçar a causa dos direitos e da igualdade dos homossexuais? Foi uma mudança fundamental de valores ou somente estratégia eleitoral? É o que a última tradução desta edição busca explicar.

“Os partidos tradicionais de centro-direita tornaram-se mais pró-gays depois de se tornarem mais seculares, reconceituando e incorporando famílias do mesmo sexo aos valores familiares tradicionais e usando o liberalismo social para provar que se modernizaram. Já a posição dos partidos de direita radical está dividida. Até o momento, no entanto, nenhum partido de direita — seja secular ou religioso, centrista ou radical — expressou apoio aos direitos e identidades transgêneros”, escrevem Gabriele Magni e Andrew Reynolds, especialistas em políticas LGBTQ+ na Europa.

Boa leitura,

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

Diretores de Plataforma Democrática

Exércitos e autocratas: por que as Forças Armadas de Putin fracassaram

Zoltan Barany

*Zoltan Barany é professor de governo na Universidade do Texas em Austin e autor, mais recentemente, de *Armies of Arabia: Military Politics and Effectiveness in the Gulf* [Exércitos da Arábia: política militar e eficácia no Golfo] (2021). Seu livro de 2007, *Democratic Breakdown and the Decline of the Russian Military* [O colapso democrático e o declínio das Forças Armadas russas], será republicado pela Princeton University Press em 2023.*

Antes — e mesmo pouco depois — de o presidente da Rússia, Vladimir Putin, invadir a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022, a maioria dos especialistas previu que os militares russos teriam pouco trabalho para derrotar seu vizinho a sudoeste. A sabedoria convencional sustentava que, embora as forças da Rússia vivessem tempos difíceis após o fim da Guerra Fria, as mais de duas décadas de governo de Putin as teriam transformado em uma máquina militar eficaz. No início de 2014, tropas russas em uniformes verdes camuflados sem insígnias militares toma-

*Publicado originalmente como “Armies and Autocrats: Why Putin's Military Failed”, *Journal of Democracy*, Volume 34, Number 1, January 2023 © 2023 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press.

ram a península da Crimeia da Ucrânia com pouco esforço ou derramamento de sangue. Dois anos depois, um analista chamou a intervenção da Força Aérea Russa ao lado do regime de Bashar al-Assad na Síria de “o evento político-militar mais espetacular do nosso tempo”. Em 2021, outro analista citou as campanhas bem-sucedidas não apenas na Ucrânia e na Síria, mas também na Geórgia (2008), afirmando que Putin havia “promovido uma transformação completa das Forças Armadas russas”.¹

Avaliações limitadas como essas apoiam-se em uma leitura equivocada do cenário militar da Rússia. Os militares russos são um reflexo por excelência do Estado que os criou: autocrático, obcecado pela segurança e repleto de tomadas de decisão profundamente centralizadas, relações disfuncionais entre autoridades civis e militares, ineficiência, corrupção e brutalidade.

Devemos observar cinco pontos-chave. O primeiro é que a monopolização do controle de Putin sobre as Forças Armadas e a recusa em aceitar um Legislativo independente afastaram vozes críticas e debates honestos e profundos sobre questões militares e de defesa.

O segundo é o fracasso da reforma — como o mundo pode ver agora, os esforços para reformar as Forças Armadas pós-soviéticas inchadas e mal equipadas *não* produziram uma força de combate do século 21, capaz de igualar os melhores exércitos do mundo ou enfrentá-los.

Em terceiro lugar, as Forças Armadas do país têm sido incapazes de atrair jovens talentos. Os oficiais de alta patente recusam-se repetidamente a delegar autoridade, limitando a capacidade dos mais jovens de desenvolver habilidades de liderança e iniciativa própria, enquanto a maioria dos suboficiais e suas tropas estão mal preparados.

Em quarto lugar, a gigantesca indústria de defesa da Rússia — em grande parte de propriedade e administrada pelo Estado — produz poucas armas, e as armas produzidas não são capazes de igualar as sofisticadas armas ocidentais.

Por fim, as operações militares na Geórgia, Crimeia e Síria não provam nada: foram conduzidas contra adversários fracos e não dizem nada sobre como as forças russas se comportariam em uma guerra terrestre convencional contra um inimigo bem armado e determinado, como os ucranianos estão provando ser.

Kremlin centralizador

Em uma democracia constitucional, o Legislativo e o Executivo estão envolvidos no controle das forças armadas. A cadeia de comando está codificada em lei, assim como as respectivas responsabilidades institucionais em relação aos militares. As leis também prescrevem os usos potenciais das forças armadas em vários cenários internos e externos. O Legislativo aprova o orçamento de defesa e fiscaliza seu desembolso, o chefe do Executivo atua como comandante-chefe, o ministro da Defesa não é um oficial da ativa e os civis — incluindo aqueles na mídia e as ONGs focadas no tema — oferecem conselhos e fiscalizam o trabalho.

Em Estados autoritários, o Executivo controla diretamente os militares, enquanto o Legislativo (se houver) e as autoridades regionais não têm voz. Não há lugar seguro onde especialistas independentes em políticas de segurança, acadêmicos ou jornalistas especializados no tema possam trabalhar.

O Kremlin comanda as Forças Armadas russas e, atualmente, o Kremlin significa Putin. Ele tem poucas pessoas de confiança ao seu redor. Desde 2012, seus principais conselheiros no campo da segurança têm sido o ministro da Defesa, Serguei Choigu (que não tem formação militar), e o general Valeri Guerasimov, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. São pessoas totalmente leais ao presidente — que demitiu sumariamente o antecessor de cada um deles. A frustração de Putin com a forma como o Ministério da Defesa lidou com a “ope-

ração militar especial” na Ucrânia (dizer “guerra” ou “invasão” pode condenar um cidadão russo a anos de prisão) levou à marginalização de Choigu, que, no entanto, manteve seu emprego, apesar das críticas estridentes de importantes nacionalistas russos.²

Quando Putin chegou ao poder em 2000, os militares e seu alto escalão detinham considerável influência sobre a política externa e de defesa, incluindo a reforma militar. Desde então, Putin assumiu pessoalmente o controle de todas as forças militares e de segurança.³ Durante a gestão do ministro da Defesa Anatoli Serdiukov (2007-2012), foram removidos do estado-maior oficiais que discordavam das ideias do Kremlin sobre a reforma militar, que eram considerados muito independentes ou relutantes em dar apoio constante a Putin. Serdiukov cortou o pessoal da administração militar central em mais de 30%, livrando-se principalmente de generais e coronéis.⁴

Nos últimos doze anos, os generais russos têm sido servos de Putin. Suas carreiras dependem não apenas de sua competência profissional, mas de sua lealdade pessoal ao presidente. No papel, o Ministério da Defesa responde ao Parlamento e suas comissões de defesa e segurança, mas, na prática, responde apenas ao gabinete presidencial. O presidente decide se, quando, onde e como mobilizar os militares, no país ou no exterior.

Putin é um centralizador: embora a Rússia ainda seja, oficialmente, uma federação, os conselhos locais perderam a capacidade de realizar até mesmo tarefas tradicionais como convocar reservistas, como mostraram os eventos recentes. Jornalistas que ousaram escrever objetivamente sobre questões de defesa receberam pesadas penas de prisão, mesmo por reportagens que usavam dados publicamente disponíveis.⁵

A adesão à OTAN — uma aliança de defesa que promove princípios democrático-liberais — pode restringir um autoritário como o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, de tentar “ajustar” as

fronteiras de seu país⁶, mas Putin não enfrenta tal obstáculo. Ele domina a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC, composta por antigas repúblicas soviéticas), enquanto o “clube dos ditadores” que é a Organização para Cooperação de Xangai⁷ não impõe nenhum limite ao controle de Putin sobre os militares russos.

Por mais de uma década, o Exército da Rússia tem sido indiscutivelmente o exército de Putin: não há nenhum vestígio de autoridade civil, transparência ou mecanismos de responsabilização institucionalmente equilibrados.

A reforma interrompida

No final da Guerra Fria⁸, os líderes políticos e militares russos estavam cientes das deficiências de suas forças. Durante a maior parte da década de 1990, no entanto, houve poucas medidas além da redução no tamanho da força. Os generais se opunham a mudanças estruturais, as elites políticas não tinham disposição de recuar e os recursos eram escassos. O Exército russo venceu a Primeira e a Segunda Guerra da Chechênia (1994-96 e 1999-2009), uma pequena região separatista, mas com um desempenho operacional considerado vexatório. O conflito com a Geórgia, em agosto de 2008, outro vizinho pequeno e com poucos recursos, também ressaltou as deficiências militares da Rússia. Os sistemas de comando, controle, comunicação e inteligência tiveram um desempenho tão ruim que, por vezes, os oficiais tinham que pedir emprestado os celulares dos correspondentes de guerra para se comunicar com as tropas. A Força Aérea russa admitiu que teve quatro aeronaves derrubadas durante o conflito de doze dias (os georgianos alegaram ter abatido 21), perdas que teriam sido facilmente evitadas se houvesse veículos aéreos não tripulados (ou drones) para a realização de voos de reconhecimento. Fontes russas admitiram que tanques e aviões de guerra não tinham passado por nenhuma revisão desde a

Guerra do Afeganistão (1979-1989), armas “inteligentes” e sistemas de comunicação modernos não estavam disponíveis, e o Ministério da Defesa havia confiado em “fornecedores de preferência” conhecidos por produzir armamentos obsoletos.⁹

Em resposta a esses problemas, o programa de reformas militares iniciado em 2008 procurou transformar o legado soviético, um exército baseado na mobilização de massa, em uma força mais enxuta e mais profissional, pronta para o combate. Ainda que a Ucrânia tenha exposto seus limites, as mudanças feitas desde 2008 foram consideráveis. Com carta branca de Putin, o ministro da Defesa Serdiukov aposentou ou exonerou oficiais superiores mais refratários em quantidade suficiente para romper a resistência institucional. A estrutura militar foi racionalizada e simplificada. O número de grandes unidades encolheu de 1.890 para 172, os colégios militares de 65 para dez e os distritos militares da era soviética de dezesseis para quatro.¹⁰ Um dos principais objetivos das reformas de defesa era preencher a profunda lacuna qualitativa entre os militares russos e os da OTAN ou, pelo menos, melhorar o treinamento e a prontidão de combate das tropas não de elite que sempre constituíram a maior parte das unidades russas.

Os modernizadores também queriam fixar o tamanho das tropas do Exército russo em um milhão. Os dados oficiais russos precisam ser tratados com ceticismo, mas o tamanho do pessoal total das Forças Armadas russas (terrestre, naval e aérea) parece ter ficado entre 700 mil e 900 mil na última década. Serdiukov reduziu o tamanho do corpo de oficiais, eliminou gradualmente o *praporshchiki* (algo equivalente ao subtenente) e aumentou drasticamente o número de soldados “contratados” (profissionais).

Em uma tentativa de tornar a carreira de soldado profissional mais atraente, o dinheiro foi usado para melhorar as condições de trabalho, moradia, bem-estar e pensões dos militares e suas famílias. Choigu continuou o processo de reforma, elevando o número de soldados con-

tratados para 410.000 até 2020, quando o número de recrutas era de apenas 260.000.¹¹ Os recrutas são um símbolo das limitações da Rússia: o Kremlin gostaria de ter um exército totalmente profissional, mas não pode pagar, então o alistamento é necessário para preencher os quadros. O plano de reforma previa meio milhão de soldados contratados até 2019, mas apenas 405.000 teriam sido inscritos, e mesmo esse número provavelmente está inflado.¹² A partir de 2012, os soldados contratados recebiam 25% a mais do que a média dos civis russos e os benefícios militares também eram comparativamente generosos. Mas a inflação tem sido um problema importante. A corrosão dos salários e benefícios dos soldados contratados tornou as carreiras militares menos atraentes e reduziu a qualidade dos candidatos: os militares têm conseguido não apenas menos recrutas, mas menos recrutas desejáveis.

Se não conseguir contratar recrutas, o sonho de um Exército russo de alta qualidade nunca poderá se tornar realidade. Uma fraqueza tradicional dos exércitos soviéticos ou russos, que remonta aos tempos czaristas, tem sido a ausência de suboficiais de carreira. Um exército moderno depende de suboficiais profissionais: eles gozam de uma autonomia significativa, mantêm os oficiais comissionados e os oficiais não comissionados¹³ alistados trabalhando juntos, e oferecem às tropas treinamento, disciplina e (não menos importante) liderança prática “na ponta”.

A reforma militar da Rússia reconheceu a necessidade de uma força profissional de suboficiais. Menos de dez anos após a campanha na Geórgia, militares privados contratados predominavam em postos que eram considerados de suboficiais. Mas havia dúvidas em relação à qualidade de seu treinamento e ao grau de iniciativa concedido a eles por um exército para o qual a ideia de delegar a autoridade a patentes inferiores tem sido há muito tempo um conceito estranho. Em 2009, o Ministério da Defesa instituiu uma academia de suboficiais, mas os dois mil graduados que produz a cada ano não parecem ter sido suficientes para transformar a cultura do exército. Em 2010, setenta

mil dos oficiais subalternos que Serdiukov havia dispensado tiveram que ser novamente comissionados para continuar fazendo o que, no Ocidente, seria classificado como tarefas de suboficiais. Os dados disponíveis sugerem, e a guerra na Ucrânia confirmou, que a Rússia está muito longe de ser capaz de enviar para o campo de batalha o tipo de força de suboficiais preparados que é essencial para um exército moderno, como a própria Ucrânia vem crescentemente demonstrando por meio do seu desempenho em combate.

A reforma nunca sequer tocou em outras áreas, como a medicina de combate, algo em que os exércitos ocidentais trabalharam duro nas últimas décadas. Reunir rapidamente soldados feridos e cuidados intensivos é fundamental, mas os militares russos, com seu histórico de tolerar um alto número de baixas, focam pouco nisso. Jovens médicos do Exército russo que renunciaram a seus postos protestaram dizendo que não receberam “praticamente nada” em termos de equipamento para trabalhar e que poderiam “fornecer apenas primeiros socorros”.¹⁴

Generais e soldados

A falta de confiança nos subordinados e a relutância em delegar são uma marca de todos os níveis de comando das Forças Armadas russas. A prática da era soviética de aguardar as ordens vindas do quartel-general — um costume destinado a não deixar espaço para o pensamento independente e a criatividade — muitas vezes resulta em oportunidades perdidas no campo de batalha. Serdiukov demitiu ou licenciou cerca de um terço dos oficiais superiores, incluindo o último grupo de pensadores críticos que poderiam ter discordado da política do Kremlin. Ele fez com que as perspectivas de promoção dos generais seniores dependessem de sua capacidade de ler os sinais emanados do gabinete presidencial. Mesmo no topo da hierarquia militar, os generais são cautelosos em tomar a iniciativa por medo de irritar seus superiores, entre os quais agora está o próprio Putin.

No entanto, parece que alguns no alto comando de fato questionaram o plano de Putin, especialmente a ideia de uma guerra-relâmpago para tomar Kiev, alertando que as tropas e equipamentos russos não estavam à altura da tarefa.¹⁵ Quando os céticos se mostraram corretos, o Kremlin aparentemente permitiu que esses generais elaborassem uma nova estratégia. Eles então transformaram o conflito em uma guerra de exaustão baseada na velha tática russa de recuo e prontidão, de poder de fogo esmagador. Quando a artilharia em massa e o bombardeio aéreo também falharam, como os combates em torno da vital cidade de Kherson, ao sul, e os avanços ucranianos em outros setores ficaram evidentes, Putin renovou sua lista de comandantes seniores três vezes. Em abril, em junho e, novamente, em setembro, o Kremlin trocou de generais em busca de um melhor desempenho em combate.

No início de outubro, Putin deu ao general Serguei Surovikin a tarefa de reverter os rumos da guerra, mesmo quando as forças ucranianas continuavam com contra-ataques em torno dos flancos e nas áreas de retaguarda das formações russas, surpreendendo-as. As qualificações de Surovikin incluem a experiência em ambientes de combate

De acordo com fontes de inteligência ocidentais, Putin “está tomando decisões operacionais do nível de um coronel ou brigadeiro”, ajudando a determinar o movimento das forças e ordenando que mantenham sua posição “a todo custo”.

complexos, bem como uma reputação de “total crueldade”, “corrupção e brutalidade” e maus-tratos a subordinados.¹⁶ Em outras palavras, ele parece ser um par perfeito para Putin e seu exército.

Também podemos observar a desconfiança de Putin em relação ao seu alto comando por seu envolvimento pessoal cada vez mais profundo nas

decisões militares. Quando os ucranianos contra-atacaram em setembro de 2022, ele disse a seus generais que, agora, ele mesmo definiria a estratégia. Seu microgerenciamento da guerra inclui tomar decisões táticas

de baixo nível e dar ordens do Kremlin aos generais da linha de frente. De acordo com fontes de inteligência ocidentais, o presidente russo “está tomando decisões operacionais do nível de um coronel ou brigadeiro”, interferindo no movimento das forças e ordenando que mantenham sua posição “a todo custo” (uma abordagem que leva a perdas de tropas e equipamentos, à medida que as unidades proibidas de fazer retiradas táticas são vítimas de cerco).¹⁷ O maior envolvimento de Putin provavelmente decorre de sua percepção de que, no início da guerra, seus comandantes o mantiveram pouco informado sobre quão mal as forças russas estavam se saindo contra a surpreendentemente ágil e feroz resistência ucraniana.

Mas Putin, que não tem antecedentes militares, deveria ter esperado que suas forças se saíssem bem na Ucrânia? A partir de 2008, a educação e o treinamento militar de todas as fileiras melhoraram. Houve mais exercícios, incluindo exercícios conjuntos em larga escala com dezenas de milhares de funcionários de diferentes setores das Forças Armadas russas. O reforço das horas de voo para pilotos militares e a melhoria das rotinas de manutenção de suas aeronaves reduziram as falhas mecânicas e as perdas em combate na Geórgia e na Síria. Para colocar em contexto, no entanto, deve-se enfatizar que, fora de algumas unidades de elite, os padrões russos de treinamento e manutenção, de forma geral, sempre foram modestos e dificilmente atingem os níveis que caracterizam as principais forças armadas do mundo.

Apesar dos aumentos salariais, as Forças Armadas russas têm sido incapazes de atrair os melhores e mais brilhantes dos jovens russos em face da concorrência do mercado de trabalho civil. A moradia continua a ser um problema para os oficiais com famílias e, durante anos, os salários não acompanharam a inflação.¹⁸ Em muitas unidades, as condições são precárias e os oficiais subalternos são tratados com desprezo, enquanto os superiores dão tratamento preferencial a alguns.¹⁹ Evidências anedóticas sugerem que muitos oficiais com oportunidades de emprego fora das forças armadas renunciam aos seus postos. A decisão de 2018

de reviver o posto de *zampolit* (comissário político) em unidades tão pequenas quanto as companhias de infantaria remonta à era soviética e sinaliza que o Estado duvida da lealdade de seus soldados.²⁰

O serviço militar obrigatório tem sido algo impopular. Muitos daqueles que podem se dar ao luxo de evitá-lo (subornando médicos do exército para declará-los inaptos) o fazem, enquanto os mais desesperados fogem do país ou até mesmo se machucam propositalmente para escapar do alistamento. O trote violento contra recrutas, às vezes com resultados trágicos, continua a ser um problema, apesar dos esforços para reduzi-lo. Em 2008, o período de serviço militar obrigatório foi reduzido pela metade para um único ano, o que significa que, após o treinamento, um soldado está disponível para apenas seis meses de serviço. A maioria das tropas que o exército considera prontas para o combate não são recrutas, embora (talvez surpreendentemente) eles representem cerca de um quarto das unidades de comando de elite. O exército planejava reduzir sua entrada de recrutas para 150.000 até 2021, mas não atingiu essa meta. À medida que a guerra da Ucrânia avança, recrutas relutantes se tornarão mais comuns e a Rússia terá que confiar cada vez mais em soldados mal treinados e desmotivados.

A convocação de 300 mil reservistas por Putin em 21 de setembro de 2022 deu um foco renovado nas questões de pessoal apenas dez dias antes do início do período de recrutamento de outono. Muitos especialistas acreditam que mobilizar centenas de milhares de reservistas será extremamente difícil. Até agora, a convocação recaiu desproporcionalmente sobre as minorias étnicas. Entre eles estão incluídos pastores de renas nômades do nordeste de Iacútia (a 5.600 quilômetros de Kiev), bem como os tártaros da Crimeia, há muito reprimidos pelos regimes soviéticos e russos e opositores vocais da anexação da península.²¹ Mesmo que os que forem convocados sejam reservistas reais, é provável que apenas uma fração deles tenha tido treinamento regular

desde que deixaram o serviço militar. Levará meses até que essas tropas possam contribuir para o esforço de guerra de Moscou.

Em uma videochamada com assessores de 29 de setembro, Putin admitiu publicamente “erros”, como a convocação de pessoas com filhos, pessoas com doenças crônicas e alguns acima da idade militar.²² Soldados mobilizados, alguns deles de meia-idade, queixaram-se de que eram mantidos em “condições de gado”, tinham que comprar sua própria comida e recebiam botas e uniformes de tamanho errado, bem como armas velhas e malconservadas.²³ O presidente deixou para os governadores regionais e funcionários abaixo deles a correção dos problemas, sem mencionar que suas próprias políticas minaram as capacidades dos governos locais. Durante a primeira semana após a declaração de mobilização, pelo menos 200.000 jovens russos e suas famílias fugiram para países vizinhos, incluindo Quirguistão e Mongólia, ou para mais longe. Os fugitivos estavam se juntando a milhões de seus concidadãos, muitos deles jovens e altamente educados, que votaram com os pés contra a guerra de Putin.

Nos últimos anos, tropas de elite e empresas privadas de defesa empregadas em Moscou fizeram grande parte dos combates da Rússia. A mais conhecida entre essas últimas é o Wagner Group, um grupo mercenário possivelmente batizado em homenagem ao compositor alemão e estabelecido em 2014 por Dmitri Utkin, um ex-tenente-coronel das forças especiais, e Evgeni Prigojin, um oligarca do círculo íntimo de Putin com múltiplas condenações criminais da era soviética. A unidade é supostamente supervisionada pela agência de inteligência militar da Rússia, a GRU, na qual Utkin serviu. Como Wagner é pago permanece um mistério, mas os fundos provavelmente vêm de fontes estatais, bem como de oligarcas. Os agentes do Wagner Group em seus uniformes sem insígnias eram os “homenzinhos verdes” que apareceram pela primeira vez durante a tomada da Crimeia por Putin e, desde então, participaram de conflitos armados na Síria, bem como em

vários Estados africanos, incluindo Líbia, Mali, Moçambique e Sudão. Supostamente, mais de mil mercenários Wagner foram enviados para o Oblast de Lugansk, na região de Donbass, no leste da Ucrânia, e sofreram pesadas baixas. Aonde quer que vão, seguem-se violações dos direitos humanos e crimes de guerra.²⁴

Os problemas de uma indústria estatal de defesa

O Estado russo é o principal acionista das indústrias que produzem a maior parte de sua renda (energia, bancos, armas e transportes) e está diretamente envolvido em sua gestão. Como corporações estatais, a indústria de defesa desfruta de crédito barato, rolagem de dívida e liberdade em relação às pressões competitivas do mercado. Embora o Estado tenha investido pesadamente na indústria de defesa e tenha tido sucesso em algumas áreas, no geral, os fabricantes de armas da Rússia não conseguiram diminuir a distância — e especialmente a diferença de qualidade — entre seus produtos e os dos principais produtores de armas do mundo.

A partir de 2005, as reformas de defesa de Moscou e os ambiciosos programas de armamentos começaram a exigir sérios aumentos nos gastos militares. O Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo e o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres concordam amplamente que o orçamento militar russo aumentou de cerca de US\$ 20 bilhões no final da década de 1990 para mais de quatro vezes esse valor em 2015, antes de diminuir para seu número oficial atual de US\$ 65,9 bilhões (ou 4,1% do produto interno bruto da Rússia em 2021). Em termos nominais, isso é menos de um décimo dos gastos anuais em defesa dos EUA, mas há razões para pensar que esses números subestimam grosseiramente o volume real dos gastos militares russos. Usando medidas de paridade do poder de compra (PPP), os gastos militares efetivos de Moscou podem chegar a US\$ 200 bilhões por

ano.²⁵ Nos últimos anos, apenas os Estados Unidos, a China e a Índia tiveram orçamentos de defesa que excedem os da Rússia.

O Programa de Armamento Estatal da Rússia de 2011-20 visava dar uma nova vida à indústria de defesa, contratando-a para fabricar ou recondicionar 70% do armamento militar.²⁶ Fontes oficiais afirmam que a indústria conseguiu fazê-lo. Desenvolveu nova artilharia, introduziu alguns mísseis de cruzeiro altamente precisos, entregou várias centenas de novos tanques (incluindo o altamente elogiado T-90M) e atualizou centenas de outros mais com blindagem e eletrônica aprimoradas. Quase quinhentos novos caças, principalmente Su-27 e MiG-31 armados com mísseis guiados por radar, seriam capazes de elevar o poder aéreo russo a um novo nível, com centenas de novos helicópteros de combate e aviões de guerra antigos modernizados, garantindo o domínio dos céus por Moscou.²⁷

O mais recente Programa de Armamento do Estado, que começou em 2020 e deve terminar em 2027, é mais modesto e se concentra no avanço da mobilidade, logística e otimização e padronização dos sistemas de armas existentes. Na última década, a Rússia tornou-se o segundo maior exportador de armas do mundo, atrás dos Estados Unidos. A participação da Rússia nas vendas nesse mercado de 2017 a 2021 foi de 19%, enquanto a participação dos EUA foi de 39%.²⁸ Vendo o desempenho medíocre e a vulnerabilidade às armas ocidentais (como o míssil antitanque Javelin, fabricado nos EUA) das armas russas na Ucrânia, os países que compraram equipamentos militares da Rússia (os três principais clientes são China, Índia e Egito) podem pensar duas vezes antes de comprar de Moscou novamente.

Os desafios sistêmicos e estruturais que afligem a indústria de defesa da Rússia não estão desaparecendo. Problemas na cadeia de suprimentos atrasam as entregas. Falta dinheiro para substituir máquinas-ferramentas desatualizadas e pagar por pesquisa e desenvolvimento, e é comum a negligência em relação ao controle de qualidade. Uma análise recente concluiu:

Burocracias centralizadas e ineficientes, fracos direitos de propriedade intelectual e Estado de direito, clima de investimento ruim, corrupção generalizada e financiamento insuficiente estão entre os problemas que impedem o progresso rápido em campos que são particularmente dependentes da criação de um terreno fértil para a criatividade e a livre troca de ideias.²⁹

Os fabricantes de armas russos estão muito longe de produzir armas que possam competir com as armas ocidentais em sofisticação tecnológica e qualidade geral. A construção em larga escala de munições guiadas com precisão, sistemas de mira e drones pesados de longo alcance está além do alcance da indústria russa. O início do conflito com a Ucrânia em 2014 custou ao establishment militar-industrial russo seus laços benéficos e de longa data com os produtores de armas ucranianos. Agora, as sanções cortaram o acesso da Rússia à óptica e à eletrônica ocidentais, que são fundamentais para as armas modernas avançadas. Expandir as fábricas existentes será difícil, pois o país não dispõe dos recursos e outros requisitos.

Planos ambiciosos, anunciados com muito alarde e arrogância, muitas vezes não deram em nada. Em 2008, o primeiro ano de reforma militar, houve uma proposta para criar forças móveis autônomas unindo componentes aéreos, de infantaria naval e de forças especiais, mas não passou disso. O programa amplamente divulgado para produzir um caça de quinta geração, o Sukhoi Su-57, já tem mais de vinte anos e não gerou nada além de alguns protótipos. O Su-57 é a primeira aeronave furtiva que a Rússia já desenvolveu. Destinado ao combate ar-ar e ar-terra, supõe-se que seja a resposta da Rússia ao Lockheed Martin F-35 Lightning II construído pelos EUA, milhares dos quais estão sendo produzidos para os Estados Unidos e vários aliados em todo o mundo, incluindo nove ou mais países da OTAN. Contratemporos técnicos, a decisão da Índia de retirar seu financiamento e uma queda em dezembro de 2019 (a primeira conhecida publicamente) dei-

xam dúvidas se o Su-57 estará pronto para produção em larga escala no curto prazo.

Desde os tempos soviéticos, o setor de defesa tem estado entre as áreas mais problemáticas da economia quando se trata de corrupção. No século 21, a Rússia tornou-se, para usar a expressão de Karen Dawisha, “a cleptocracia de Putin”.³⁰ O Índice de Percepção de Corrupção da Transparência Internacional para 2021 deu à Rússia uma pontuação de corrupção de 29 pontos, colocando-a muito mais próxima, na escala de honestidade de 100 pontos, do país mais corrupto do mundo (Sudão do Sul, com 11 pontos) do que do menos corrupto (Dinamarca, Finlândia e Nova Zelândia, com 88 pontos cada).

O alto comando russo subestimou a quantidade de soldados necessária para atacar a Ucrânia e superestimou o número de moradores locais que saudaria sua chegada.

das tropas. Putin demitiu Serdiukov em 2012 por causa de suas ligações com um funcionário do Ministério da Defesa acusado de peculato. A corrupção em larga escala continua, com o desaparecimento de centenas de milhões de dólares. Um promotor militar russo admitiu, recentemente, que cerca de um quinto do orçamento do Ministério da Defesa foi desviado; outras autoridades disseram que poderia chegar a dois quintos.³¹ Poucos especialistas discordariam da recente afirmação do ex-ministro das Relações Exteriores russo, Andrei Kozirev, de que a corrupção — e o medo de contar a Putin sobre isso — havia deixado a Rússia com um “exército de Potemkin”.³²

Como ministro da Defesa, Serdiukov estabeleceu como um de seus principais objetivos erradicar, ou pelo menos conter, o suborno e a fraude muitas vezes ligados à aquisição de armas, bem como o uso indevido de fundos reservados para melhorar as condições de vida

Em guerra — e decepcionando

Mas, afinal, como estão as forças russas na Ucrânia? É impossível saber com precisão, porque a maioria das fontes ocidentais é aliada da Ucrânia, enquanto a mídia ucraniana e russa tem incentivos para manipular os fatos. Dito isso, o desempenho militar da Rússia tem ficado muito abaixo do que a maioria dos especialistas esperava. Os especialistas ficaram surpresos porque suas suposições estavam equivocadas.

O histórico dos militares russos que remonta a 2008 pode ter parecido impressionante na aparência, mas foi conquistado contra adversários fracos. A Geórgia é um país muito pequeno e seu minúsculo exército era mal organizado. Na Crimeia, as tropas de Moscou enfrentaram pouca resistência. Na Síria, muito se falou das capacidades renovadas do poder aéreo russo, mas o país enfrentou insurgentes cujas capacidades de defesa aérea eram, na melhor das hipóteses, modestas. A Rússia também enviou para essas operações de menor escala principalmente tropas de elite e forças especiais, não soldados comuns. Em suma, os militares russos não haviam experimentado nada como o exigente ambiente de combate com o qual se depararam na Ucrânia.

No momento em que escrevo este ensaio³³, a guerra na Ucrânia já dura quase um ano. O curso dos combates rebateu os muitos especialistas que alegaram que a Rússia pós 2008 havia conquistado seu caminho para a primeira classe das potências militares do mundo. Até agora, as forças russas vêm fracassando na maioria dos testes que enfrentam na Ucrânia. Os estrategistas militares raramente acertam ao subestimar um oponente. Depois de tomar a Crimeia, Putin previu que Kiev poderia ser conquistada em duas semanas; em 2022, ele reduziu esse número para dois dias.³⁴

O alto comando russo subestimou a quantidade de soldados necessária para atacar a Ucrânia e superestimou o número de moradores locais que saudariam sua chegada. Conquistar uma cidade como Kiev,

com seus três milhões de habitantes espalhados por 839 quilômetros quadrados e divididos por um grande rio e seus afluentes, teria exigido um grande número de colaboradores. Uma vez que o plano para um ataque aéreo relâmpago no centro da capital ucraniana entrou em colapso em meio a trocas de tiro com forças ucranianas de resposta rápida no aeroporto Antonov, a noroeste da cidade, em 24 e 25 de fevereiro de 2022, a campanha da Rússia desmoronou.

Planos operacionais mal desenhados, logística descuidada e falta de coordenação no uso de armas de maneira estratégica e combinada sugerem deficiências profundas no alto comando russo. Os invasores empregaram mal seus tanques, tentando avançá-los sem o devido apoio logístico ou escoltas de infantaria para manter afastados os drones ucranianos e as patrulhas de emboscada. Nos céus, pilotos russos excessivamente cautelosos lutaram contra alguém “abaixo do seu peso”, mas não conseguiram traduzir seu poder aéreo superior em vitórias de batalha. As tropas russas tiveram dificuldade para usar seus sistemas de comunicação e não conseguiram interromper o acesso de seus inimigos aos sinais de satélite.

As histórias de soldados ucranianos usando smartphones em combate para chamar seus instrutores no Reino Unido para aconselhamento, ou a habilidade daqueles que defenderam as siderúrgicas Azovstal em Mariupol de permanecer em contato eletrônico com a inteligência ucraniana durante o cerco de cinco semanas entre abril e maio, evidenciam a inépcia russa. O desleixo geral das tropas — sua negligência em tarefas pequenas, mas importantes, como calibrar corretamente os pneus dos caminhões, por exemplo — saiu caro para o esforço de guerra da Rússia.

À medida que a guerra se arrasta, é improvável que novos oficiais e soldados russos enviados para a Ucrânia estejam mais bem-preparados e bem-equipados, ou tenham um desempenho melhor, do que aqueles que eles substituem. As ameaças nucleares podem facilmente

sair pela culatra: se a Rússia “se tornar atômica”, poderá perder seus aliados restantes, calcular mal a direção do vento e receber a radiação de volta ao território russo, ou se ver em guerra com uma aliança da OTAN capaz (mesmo sem armas nucleares) de infligir destruição massiva às instalações militares em território russo.

Além disso, os estoques de ogivas nucleares táticas e de médio alcance da Rússia são, como muitas armas russas, sobras soviéticas. Estão espalhadas em diversos locais de armazenamento há décadas. O trabalho de tornar essas ogivas operacionais envolveria muito esforço e risco de erro humano.³⁵ Há uma boa chance de que a manobra também seja detectada pela inteligência ocidental, dadas as localizações conhecidas dos estoques nucleares, o número limitado de unidades capazes (no papel) de manusear e disparar essas ogivas e as distâncias a atravessar até o palco do conflito. O tema subjacente do ataque à Ucrânia tem sido a enorme lacuna entre o que Putin e suas forças querem fazer, por um lado, e o que podem fazer, por outro. Ambição não é capacidade.

Um Exército ucraniano revitalizado

Há apenas alguns anos, os próprios militares da Ucrânia enfrentavam enormes desafios. Um ambicioso programa de reformas foi lançado em 2006, mas fracassou em meio à instabilidade política, corrupção e recursos inadequados consumidos pela inflação e pela crise financeira global de 2008. Essa reforma abrangente também foi mal concebida: a Ucrânia estava buscando criar uma força totalmente profissional, com tecnologia de ponta e comando e controle avançados, desafiando as restrições institucionais e financeiras. A agressão de Moscou em 2014 contra a Crimeia e a região de Donbass despertou as autoridades dessa fantasia e deu impulso a uma mudança rápida nas Forças Armadas da Ucrânia (ZCU, na sigla em ucraniano). Durante a

presidência de Petro Porochenko (2014-2019), a reforma naval e da indústria de defesa sucumbiu a lutas internas e desvio de recursos, mas a criação de um comando autônomo de forças especiais com quatro mil soldados foi um sucesso.

Os eventos de 2014 mostraram que seriam necessários muitos soldados para defender a Ucrânia contra a Rússia. O projeto, abolido em 2013, foi resgatado em 2014. De maneira inovadora, a ZCU também se tornou um exército baseado na comunidade. Com dificuldades financeiras, o governo fez um apelo à sociedade civil, à grande diáspora ucraniana em todo o mundo e às pessoas comuns para ajudar a financiar a ZCU e se juntar às suas fileiras. Novas organizações surgiram “para equipar, uniformizar, proteger e melhorar o Exército ucraniano o mais rápido possível” e para fornecer equipamentos militares extremamente necessários. Suas doações representaram 4% do orçamento de defesa ucraniano em 2015.³⁶ Outra mudança significativa, e que aliviou parcialmente a escassez de mão-de-obra da ZCU, foi a criação de batalhões de voluntários que, já em 2014, contavam com mais de dez mil combatentes. Embora isso levante algumas preocupações em relação à disciplina, eles se mostraram eficazes no conflito contra os separatistas no leste da Ucrânia e provavelmente continuarão desempenhando um papel de defesa nos próximos anos.³⁷

Por fim, os países ocidentais, liderados pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, mas também incluindo (notavelmente) a Alemanha, enviaram armamento militar pesado que tornaram as forças de Kiev consideravelmente mais efetivas no campo de batalha. Até meados de outubro de 2022, Washington havia oferecido cerca de US\$ 66 bilhões — um montante mais de onze vezes maior do que todo o orçamento de defesa da Ucrânia para 2021.³⁸ A ajuda tem sido grande em quantidade e qualidade, incluindo itens sofisticados, como plataformas móveis de lançamento de múltiplos foguetes de precisão

M142 HIMARS, fabricados nos EUA, morteiros M777 de 155 milímetros fabricados no Reino Unido e nos EUA, vários tipos de drones e muito mais.

Entre 2015 e fevereiro de 2022, soldados britânicos da ativa treinaram mais de 22 mil recrutas ucranianos no oeste da Ucrânia por meio de um programa chamado Operação Orbital. Em setembro de 2022, instrutores do Canadá, Dinamarca, Finlândia, Lituânia, Nova Zelândia, Países Baixos e Suécia uniram-se a soldados do Reino Unido para oferecer treinamento intensivo a milhares de ucranianos em acampamentos militares no Reino Unido.³⁹ Os programas ensinam oficiais subalternos, suboficiais e soldados a pensar criticamente e a tomar decisões independentes na linha de frente sem esperar pela permissão dos comandantes sentados num quartel-general distante.

As Forças Armadas da Ucrânia têm sido tudo o que o exército de Putin não foi. O país menor conseguiu converter suas próprias reformas recentes e a ajuda ocidental massiva em vantagem militar. Defendendo seu próprio solo, soldados voluntários e profissionais ucranianos se destacaram em motivação, coragem e habilidade. O presidente Volodimir Zelenski foi uma revelação: os ucranianos têm a sorte de terem sido liderados por uma figura obstinada e com discernimento, que entende que essa é uma disputa entre democracia e tirania. A guerra tornou a nacionalidade ucraniana (há muito negada pelos nacionalistas russos como Putin) inegável e ressaltou a verdade maior, mas facilmente esquecida, de que a liberdade não vem de graça. A oposição à invasão também aproximou as democracias ocidentais em torno da OTAN, que está incluindo a Finlândia e a Suécia entre seus membros. Se a OTAN continuar unida em apoio à Ucrânia, Davi terá chances muito boas contra Golias.

Notas

¹ Ruslan Pukhov, “A Proving Ground of the Future”, *Russia in Global Affairs* 2 (abril-junho 2016), <https://eng.globalaffairs.ru/articles/a-proving-ground-of-the-future>; Fredrik Westerlund, “The Role of the Military in Putin’s Foreign Policy”, Swedish Ministry of Defense, fevereiro 2021, 41.

² Valerie Hopkins, “Russia’s Defense Ministry Shakes Up Its Leadership”, *New York Times*, 24 setembro 2022.

³ Ver Zoltan Barany, “The Politics of Russia’s Elusive Defense Reform”, *Political Science Quarterly* 121 (inverno 2007): 597-627; e “Superpresidentialism and the Military: The Russian Variant”, *Presidential Studies Quarterly* 38 (março 2008): 14-38.

⁴ Ruslan Pukhov, “Serdyukov Cleans Up the Arbat”, *Moscow Defense Brief* 11, n. 1 (2008): 7-9, https://www.files.ethz.ch/isn/55475/mdb_1_2008.pdf.

⁵ Para dois importantes casos que marcam o governo de Putin, ver Ian Black, “Igor Sutyagin Is Odd Man Out in Spy Swap Deal”, *Guardian*, 17 agosto 2010; e Andrew Roth, “Russian Journalist Ivan Safronov Sentenced to 22 Years in Prison”, *Guardian*, 5 setembro 2022.

⁶ Nota do editor brasileiro: A Hungria é membro pleno da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte, liderada pelos Estados Unidos) desde 1999. A Rússia não faz parte da OTAN.

⁷ Nota do editor brasileiro: A Organização para Cooperação de Xangai foi fundada em 2001 pela China, Cazaquistão, Quirquistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão. Em 2017, Índia e Paquistão se tornaram membros plenos. Sua finalidade principal é a segurança, em especial no combate ao terrorismo, extremismo e separatismo.

⁸ Nota do editor brasileiro: Embora não haja unanimidade, considera-se que a Guerra Fria abranja o período subsequente ao final da Segunda Guerra (1945) até 1991, com o fim da União Soviética.

⁹ Nikita Petrov, “Russian Army’s Weaknesses Exposed During War in Georgia”, RIA Novosti (Moscou), 9 setembro 2008.

¹⁰ Charles Dick, “Russian Ground Forces Posture Towards the West”, Chatham House Research Paper, abril 2019, 3-4.

¹¹ Gil Barndollar, “The Best or Worst of Both Worlds? Russia’s Mixed Military Manpower System”, blog Post-Soviet Post, CSIS, 23 setembro 2020, <https://www.csis.org/blogs/post-soviet-post/best-or-worst-both-worlds>.

¹² Michael Kofman e Rob Lee, “Not Built for Purpose: The Russia Military’s Ill-Fated Force Design”, *War on the Rocks*, 2 junho 2022, <https://warontherocks.com/2022/06/not-built-for-purpose-the-russian-militarys-ill-fated-force-design>.

¹³ Nota do tradutor brasileiro: O Exército Brasileiro não usa a expressão “oficiais não comissionados” (NCO), que são aqueles que ingressam no (baixo escalão do) oficialato ao serem promovidos da última patente de praça. A equivalência mais próxima

no Exército é a patente “subtenente” e, na Marinha e na Aeronáutica, “suboficial”.

¹⁴ Yelizaveta Mayetnaya, “Do Russian Military Officers Have a Morale Problem? Some Say Yes”, Radio Free Europe/Radio Liberty Russian Service, 16 dezembro 2021, <https://www.rferl.org/a/russia-military-officers-morale-problem/31612793.html>.

¹⁵ Esse parágrafo baseia-se em Julian E. Barnes et al., “As Russian Losses Mount in Ukraine, Putin Gets More Involved in War Strategy”, *New York Times*, 23 setembro 2022.

¹⁶ Neil MacFarquhar e Cassandra Vinograd, “Russia Names a New Commander for the War in Ukraine”, *New York Times*, 8 outubro 2022.

¹⁷ Dan Sabbagh, “Putin Involved in War ‘At Level of Colonel or Brigadier,’ Say Western Sources”, *Guardian*, 16 maio 2022.

¹⁸ Ver Vasily Zatsëpin e Vitaly Tsymbal, “Military Economy and Military Reform in Russia”, in Alexander Abramov et al., *Russian Economy in 2017: Trends and Outlooks* (Moscou: Gaidar Institute, 2018), 515-25.

¹⁹ Mayetnaya, “Do Russian Military Officers Have a Morale Problem?”.

²⁰ Jason Gresh, “Professionalism and Politics in the Russian Military”, *Kennan Cable*, n. 67, abril 2021, <https://www.wilsoncenter.org/microsite/5/node/106204>.

²¹ Anton Troianovski, “Russia’s Draft Is Drawing Criticism from Far-Flung Regions and Even Pro-War Hawks”, *New York Times*, 24 setembro 2022; e Stephen Kalin, “Crimean Tatar Minority Is in Crosshairs of Putin’s Draft”, *Wall Street Journal*, 4 outubro 2022.

²² “Meeting with Permanent Members of the Security Council”, 29 setembro 2022, <http://en.kremlin.ru/events/president/news/69459>.

²³ Robyn Dixon, “As His Troops Retreat, Russian Defense Chief Comes Under Pressure at Home”, *Washington Post*, 6 outubro 2022; e Neil MacFarquhar, “‘Coffins Are Already Coming’: The Toll of Russia’s Chaotic Draft”, *New York Times*, 16 outubro 2022.

²⁴ Ver Kimberly Marten, “Russia’s Use of Semi-State Security Forces: The Case of the Wagner Group”, *Post-Soviet Affairs* 35, n. 3 (2019): 181-204.

²⁵ Michael Kofman e Richard Connolly, “Why Russian Military Expenditure Is Much Higher than Commonly Understood (As Is China’s)”, *War on the Rocks*, 16 dezembro 2019, <https://warontherocks.com/2019/12/why-russian-military-expenditure-is-much-higher-than-commonly-understood-as-is-chinas>.

²⁶ Ver Anna Maria Dyner, “Assessment of the Russian Armed Forces’ State Armament Programme in 2011-2020”, Polish Institute of International Affairs, 11 junho 2021.

²⁷ Anton Lavrov, “Russian Military Reforms from Georgia to Syria”, Center for Strategic and International Studies, novembro 2018, 15.

²⁸ “Trends in International Arms Transfers, 2021”, SIPRI Fact Sheet, março 2022.

²⁹ Katarzyna Zysk, “Defense Innovation in the 4th Industrial Revolution in Russia”, *Journal of Strategic Studies* 44, n. 4 (2021): 543-71.

³⁰ Karen Dawisha, *Putin’s Kleptocracy: Who Owns Russia?* (Nova York: Simon

and Schuster, 2014); Transparency International, “Corruption Perceptions Index 2021”, <https://www.transparency.org/en/cpi/2021>.

³¹ Rick Newman, “Why Russia’s Military Is So Shabby”, *Yahoo Finance*, 1 abril 2022.

³² Ver o tuíte de Kozzyrev de 6 março 2022 em <https://twitter.com/andreivkozyrev/status/1500611398245634050>.

³³ Nota do editor brasileiro: A versão original deste artigo foi publicada no *Journal of Democracy*, Volume 34, Número 1, Janeiro de 2023,

³⁴ Denver Nicks, “Putin Boasts of Being Able to Take Kiev in 2 Weeks”, *Time*, 2 setembro 2014; e Jake Epstein e Charles R. Davis, “Putin Thought Russia’s Military Could Capture Kyiv in 2 Days, But It Still Hasn’t in 20”, *Business Insider*, 15 março 2022.

³⁵ Pavel K. Baev, “Putin’s Botched Mobilization and Nuclear Non-Option”, *Eurasia Daily Monitor*, 26 setembro 2022. Ver também David E. Sanger e William J. Broad, “Russia’s Small Nuclear Arms: A Risky Option for Putin and Ukraine Alike”, *New York Times*, 3 outubro 2022.

³⁶ Deborah Sanders, “‘The War We Want; The War That We Get’: Ukraine’s Military Reform and the Conflict in the East”, *Journal of Slavic Military Studies* 30, n. 1 (2017): 41.

³⁷ Ver Ilmari Käihkö, “A Nation-in-the-Making, in Arms: Control of Force, Strategy, and the Ukrainian Volunteer Battalions”, *Defence Studies* 18, n. 2 (2018): 147-66.

³⁸ Patricia Zengerle, “U.S. Republicans Aim at Ukraine Aid but Unlikely to Block it”, Reuters, 21 outubro 2022; e “Trends in World Military Expenditure, 2021”, *SIPRI Fact Sheet*, abril 2022, 2.

³⁹ Cristina Gallardo e Clea Caulcutt, “Ukraine’s Military Recruits Need Training. Only One of Europe’s Giants Is Pulling Its Weight”, *Politico*, 16 setembro 2022.

Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:

Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#EstadoDemocracia>

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

Meios de comunicação e Democracia:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#MediosComunicacion>

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#EnsaioDemocracia>

Sociedade civil e democracia:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#CohesionSocial>

Bibliotecas virtuais:

<https://www.plataformademocratica.org/biblioteca>

<https://www.plataformademocratica.org/biblioteca-sociedade>

Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:

<https://www.plataformademocratica.org/publicacoes#RecursosPesquisa>